

REFLEXÕES SOBRE A ARTE-EDUCAÇÃO A PARTIR DAS BRINCADEIRAS INFANTIS COM O CORPO

Cristina Santos da SILVA¹

Resumo:

Desenvolvido junto às mulheres acampadas na ocupação Joana d'Arc em Campinas, formou-se um grupo de crianças para a execução do Plano de Trabalho: "Brincando com o corpo: a dança como espaço cultural situado entre o ético e o êmico" explorando a plasticidade e o improviso. Esse artigo visa refletir esse processo de arte-educação.

Palavras-chave: *Ocupação; Brincadeiras; Corpo*

Abstract:

Developed with the women encamped in the occupation of Joan of Arc in the city of Campinas, a group of children was formed to implement the Work Plan: "Playing with the body: dance as a cultural space between the ethical and the emic." exploring plasticity and improvisation. This article aims to reflect this process of art-education.

Keywords: *Occupation; Play; Body*

¹ Licenciada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC). Bacharela em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e mestranda em Artes da Cena, ênfase em Teatro Dança e Performance sob orientação da Prof^a. Dr^a Daniela Gatti e co-orientação da Prof^a. Dr^a Holly Cavrell.

Durante a abertura no III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos do Programa de Pós Graduação em Artes da Cena no Instituto de Artes o palestrante líder indígena Ailton Krenak nos presenteou com a fala sobre a importância de "compartilharmos territórios e mundos" mesmo que sejam diversos. Segundo Krenak, a celebração da arte é umas das armas potentes que os seres humanos criaram; com ela são capazes de "suspender o céu" dando espaço para criar formas e caminhos para derrubar as fronteiras que separam os mundos em superior versus inferior, mundos desiguais apoiados em saberes legitimados no critério de verdade e falso.

Nesse sentido, o simpósio intitulado "Sofia" fomentou reflexões pertinentes que abarcaram o "entre", ou melhor, entre o saber e o não saber nos processos artísticos e culturais envolvendo a memória, a experiência e a invenção.

A invenção emerge neste texto como um ato de pensar as práticas de dança dentro dos saberes populares, mais especificamente no universos lúdico das crianças no espaço da ocupação urbana Joana d'Arc.

Neste artigo visamos discutir algumas observações de campo e resultados alcançados ao longo do desenvolvimento de ações de extensão², junto aos filhos das participantes do projeto "*Minha fé e minha luta: por uma politização das representações religiosas do gênero feminino e da experiência da intolerância religiosa*".

A dificuldade de envolvimento pleno das mulheres em atividades fora dos trabalhos reprodutivos do grupo familiar, por conta da construção social da responsabilidade feminina pela organização da economia doméstica e pela educação dos filhos, implica em uma frágil capacidade associativa entre elas. De modo a não fazer tábula rasa das implicações políticas desta divisão sexual desigual do trabalho, este projeto de extensão precisou pensar em formas de gerenciar o dilema das mulheres de não terem com quem deixar seus filhos para participar das atividades do projeto.

2 O projeto de extensão "*Minha fé e minha luta: por uma politização das representações religiosas do gênero feminino e da experiência da intolerância religiosa*" foi desenvolvido no ano de 2015/2016 sob coordenação da Prof^a. Dr^a Stela Cristina de Godói (Professora, Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC). Também atuaram no projeto a bolsista Larissa Bonassa Perin e a Paula Cristina Tenório Cavalcante. Algumas das reflexões apresentadas foram levantados dentro do projeto no percurso que atuei como bolsista e arte-educadora.

Assim, como forma de criar condições para a participação efetiva das mulheres nas reuniões semanais, o projeto idealizou um plano de trabalho para ser desenvolvido pela bolsista com as crianças, em paralelo às atividades da coordenação com as mulheres. A proposta do Plano de Trabalho "*Brincando com o corpo: a dança como espaço cultural situado entre o ético e o êmico*" é o foco das indagações aqui sugeridas. Compartilhamos com o(a) leitor(a) a intenção de compreender a função mediadora da arte-educação na construção de uma travessia multissituada entre a dimensão do ético e êmico, no bojo das atividades lúdicas desenvolvidas com crianças no espaço da ocupação urbana Joana d'Arc.

O êmico foi pensando como o lugar das tradições herdadas ou adquiridas, do saber manifesto no corpo e no uso do corpo no espaço, da memória e da apropriação da memória coletiva. Entretanto, tendo em vista a proposta do projeto de extensão de politizar as representações de gênero e promover, contra a intolerância religiosa e de gênero, vivências sociais pautadas pelo princípio da alteridade, esses saberes populares do público-alvo dialogaram com os princípios éticos introduzidos pelo projeto.

Assim, foi por meio do fazer lúdico infantil que pudemos compreender e conversar sobre alguns elementos do universo cultural dos participantes. Os caminhos que usamos para desenvolver as atividades com as crianças foram brincadeiras e jogos que tiveram dois principais objetivos: desenvolver a percepção com o outro e desenvolver a concentração. Tais objetivos se estruturaram na própria observação participante dentro do território da extensão, visto que as crianças tinham muitos estímulos externos implicados pelas condições de moradia, nas quais a vivência de "quintal" dá-se nas ruas e vielas do assentamento.

Neste sentido, observando e agindo sobre essa realidade social, o plano de trabalho desenvolvido pela bolsista na condição de arte-educadora criou formas de reconhecimento e apropriação do espaço e do corpo como estratégia de empoderamento e construção de uma experiência coletiva pautada na alteridade.

Pensando a metodologia: a casa-corpo e a arte do improvisado

Neste artigo será abordada a temática mais específica do corpo no âmbito das brincadeiras infantis e do seu processo de formação na relação direta com a

realidade em que se insere. Pensa-se em corpos plurais, múltiplos e singulares entre si, em detrimento da ideia universalizante de um corpo único e absoluto, que acaba servindo como um modelo ou padrão dentro de um ideário social.

Neste sentido, levando em consideração esses corpos plurais, buscamos fomentar nas crianças uma participação ativa no processo de construção de percepção sobre seus corpos e de relativização dos estereótipos opressores que recaem sobre os mesmos.

Assim, as atividades lúdicas desenvolvidas com o grupo de crianças com as quais a arte-educadora atuou não pretenderam ser apenas uma forma de entretenimento. Esse plano de trabalho buscou tornar-se uma prática socioeducativa voltada ao público infantil com respeito às reflexões sobre gênero, religião e política. Por meio da linguagem corporal e lúdica buscou-se explorar os ritmos, a aproximação-criação das brincadeiras tradicionais do universo cultural popular brasileiro, despertando a criatividade e o espírito cooperativo entre os envolvidos.

Para se compreender os recursos metodológicos lançados no bojo do desenvolvimento deste Plano de Trabalho é necessário levar em consideração que as ocupações urbanas – onde famílias engajadas na luta pela moradia estão assentadas em um estado de espera ativo pela realização de seu direito ao domicílio legalizado e protegido pelo Estado – se constitui em um tempo-espço de incertezas, onde tudo está para ser construído coletivamente.

O modo de organização do espaço, bem como as vidas das mulheres e das crianças encerradas nele, é permeado pela espera e pelo sonho da casa própria. Nesse processo, a construção dos “barracos” – suas casas provisórias – se caracteriza como um campo de exercício de criatividade e improvisação. Cada barraco é uma bricolagem de tempo e espaços sociais fragmentários, nos quais os recursos materiais descartados pela sociedade são reaproveitados:

Nunca há projeto preliminar para a construção de um barraco. Os materiais recolhidos e agrupados são o ponto de partida da construção, que vai depender diretamente do acaso e do achado, da descoberta de obras interessantes. Os materiais são encontrados em fragmentos heterogêneos;

a construção, feita com pedaços encontrados aqui e ali, é forçosamente fragmentada no aspecto formal. À medida que o abrigo vai evoluindo, os pedaços menores vão sendo substituídos por outros maiores e o aspecto fragmentado da construção vai ficando cada vez mais evidente. O último estágio da evolução de um abrigo precário - a casa em alvenaria, sólida - já não é formalmente tão fragmentado, muito embora não deixe de ser fragmentário: a casa continua evoluindo. Os barracos são fragmentários porque se transformam continuamente. (JACQUES, 2003, p.24)

Dessa forma, a casa está sempre em processo de construção e nunca está pronta. O indivíduo tem que usar de sua criatividade para agrupar os diversos materiais recolhidos para tapar um buraco no telhado, para separar os cômodos da casa. Madeiras, pregos, martelo, tijolo e, às vezes, areia, são alguns dos materiais guardados dentro da casa para ficar de reposição. Janelas feitas de madeira. Uma casa construída pelos moradores, diariamente. Segundo, Martins (2014), a casa dos pobres é de algum modo, quase sempre, uma casa imaginária, pois está sempre em processo de construção.

Assim, essa realidade social na qual o projeto emergiu suscitou algumas indagações que repercutiram na escolha do princípio metodológico empregado ao longo da execução desse Plano de Trabalho. Como incorporar as vontades que as crianças demonstravam no projeto com as expectativas iniciais de desenvolver a técnica de sapateado conciliado a ludicidade dos jogos? Como trabalhar, a partir dos jogos e brincadeiras infantis, os ritmos corporais, as noções de tempo e espacialidade para um grupo de crianças entre 4 e 10 anos?

A fim de responder a esses questionamentos partimos de uma proposta metodológica onde a base fundamental para desenvolver o trabalho é o improviso, por conta das próprias condições socioespaciais do ambiente. Percebemos, nas reuniões de organização e balanços das ações, que as técnicas de improviso que já estavam inseridas no Plano de Trabalho inicial, deveriam assumir agora o status de método de trabalho. Assim, tal como na dança de improviso, ir a campo orientada por essa metodologia de ação não implicava ausência de direção, mas sim significava o estabelecimento de um olhar mais atento à escuta das bagagens culturais trazidas pelo público-alvo, suas expectativas e disposições corporais e

emocionais.

Portanto, levando em consideração os desafios colocados pelos elementos contingentes pulsantes dentro da realidade social de uma ocupação urbana, as estratégias e táticas de ação, embora planejadas previamente, deveriam ser substancialmente plásticas e dialógicas.

Por exemplo, na brincadeira Circuito Maluco nos valemos dessa realidade de improvisação, onde as crianças foram convidadas a criarem o seu próprio trajeto com objetos e matérias do próprio espaço. Para cada objeto exposto no chão elas tiveram que definir o que teriam que fazer: correr, pular, girar, dançar, imitar um bicho, fazer uma careta.

A aplicação desse princípio metodológico dialógico com o público-alvo traduziu-se no aproveitamento de materiais retirados do próprio espaço: pneus velhos viraram circuito de pular e dançar; pedaço de madeira virou cavalo de pau; a linha no chão virou trilho de equilíbrio.

Deste modo, conforme discutiremos a seguir, considerando a perspectiva antropológica de que cultura é uma linguagem compartilhada, um sentido atribuído e compreendido socialmente, e que essa linguagem encontra no ser inúmeros canais de expressão que transcendem a fala, o brincar infantil é uma forma de encenação da realidade. Fazer do corpo objeto e sujeito do brincar é um modo de compreender o universo cultural dos participantes (êmico) e de agir sobre ele (ético).

A travessia entre o ético e o êmico nas brincadeiras infantis

Segundo Freire (1996) o ato de ensinar parte da construção coletiva entre o mediador e o educando e não da transferência de saber. O professor é instigado e aberto para as indagações; o educador deve encarnar a figura de “um ser crítico e inquietador, inquieto em face da tarefa (...) de ensinar e não de transferir conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 47).

Partindo dessa reflexão, o desempenho da bolsista como arte-educadora de crianças da ocupação Joana d’Arc traduziu-se em um firme compromisso de sentir, ouvir e observar o público-alvo, buscando dialogar com suas expectativas

e desejos dentro daquele tempo-espaço destinados a elas.

Nesse sentido, por mais que a ida a campo estivesse sempre acompanhada de um planejamento inicial, ele era adaptado às vontades e necessidades dos envolvidos. Por exemplo: no dia que planejamos fazer atividades de desenho coletivo observamos que as crianças estavam com vontade de brincar de Pega-Pega e devido à quantidade de crianças que apareceram nesse dia e o tamanho do espaço, percebemos que não cabiam todas (crianças e adultos) no mesmo lugar, desse modo, fomos fazer a atividade na rua localizada na frente do “barracão”, espaço onde se realizaram as atividades do projeto.

A rua é um local de convívio cotidiano onde transitam diversas crianças, adultos, carros e motos. A rua da ocupação Joana d’Arc é, pois, o lugar da vivência de “quintal” para aquelas crianças. Os próprios moradores adquirem ao longo da permanência no assentamento uma relação com a rua que é positiva, pois, a rua ensina-os a ter um estado corporal de atenção com tudo que acontece no espaço.

Os moradores da ocupação desenvolvem uma escuta e atenção do espaço urbano e essa habilidade potencializa o estado corporal ágil assim, a qualquer barulho de automóveis já se ouve o grito “Olhem o carro!”. Desse modo todos saem da rua. Considerando a própria dinâmica do espaço/rua onde acontecem as trocas de experiências, a rua se torna a extensão da casa, um espaço recriado também para o lazer.

Muitas brincadeiras que foram realizadas no projeto, já eram conhecidas pelas crianças, assim buscamos criar novos desafios construindo coletivamente novas regras e adaptações, levando em consideração à idade dos participantes e as condições do espaço/rua e do espaço/barracão.

Ainda sob o alicerce de uma metodologia dialógica, buscou-se integrar música e dança. Criamos, para tanto, uma atividade em que as crianças se posicionaram espalhadas pelo espaço/rua e a arte-educadora cantava uma letra de música que pedia para mover as partes do corpo, em seguida todas dançavam, movendo a tal parte do corpo, cada qual ao seu modo. O jogo seguia a partir da sugestão aos participantes de que improvisassem uma cantiga, aproveitando a melodia criada anteriormente, e incluíssem as ações que todos iriam realizar.

Por meio dessa brincadeira trabalhou-se a capacidade de improvisação, a

coragem para se arriscar a canalização da potência no movimento. Movimentando o corpo de um modo novo – rebolando, correndo, pulando, deitando no chão – o sujeito mergulha em um processo de relativização dos estereótipos opressivos que recaem sobre os corpos normatizados.

Esses estímulos para criação e relativização também foram empregados numa dinâmica de imagem e ritmos desenvolvida a partir da exibição de um filme de animação infantil da PIXAR. O filme aborda a temática da diversidade e da alteridade. A história se passa com uma ovelha sapateadora, que depois de ser tosada e sua pele rosa ficar exposta, começou a ser discriminada pelos outros animais ao seu redor. Essa ovelha sapateadora descobre, depois de ser rejeitada, que sua beleza e alegria não dependiam da cor de sua pele ou da roupa que vestia. Sapateando e pulando o mais alto que podia, reconstrói sua identidade.

Um dos objetivos de assistir ao filme foi conversar sobre o tema das diversidades sociais, sobretudo as de gênero, raça e religião. Desse modo, a mediadora sugeriu que todos desenhassem o que gostaram na animação que assistiram e em seguida o compartilhassem com o outro. Na segunda parte do encontro, cada participante mostrou a partir de movimentações corporais aquilo que mais gostou do desenho animado da ovelha, que foi a ação de pular pelo espaço. A continuação da atividade foi se dando apoiado em respostas corporais dos envolvidos, por consequência despertou-se um campo imagético e sensível nos participantes.

Com o desenvolvimento dessa atividade apresentamos o princípio do relativismo cultural, a alteridade. Utilizando recursos de jogos de dança, a bolsista conduziu a brincadeira pela ideia do espelho e do espaço. O espaço foi negociado com o outro, ao mesmo tempo em que o seu lugar foi reconhecido. Imitando o outro como quando estamos diante de um espelho, a criança se reconhece e se liberta na diversidade.

Trabalhando os ritmos corporais dentro do universo infantil dos envolvidos através das brincadeiras lúdicas, entrou-se em contato com a visão local. A observação dessas perspectivas criou espaços de diálogo e troca, em que novas estruturas mentais e sociais foram problematizadas como algo necessário para a construção de uma sociabilidade pautada pelo respeito à diversidade social e pela cooperação.

A chave para conseguir desenvolver essa proposta lúdica, que respeitasse as vontades das crianças e que incorporasse as expectativas éticas do projeto de extensão, foi pensar o ético e o êmico, o nativo e o observador, não como pólos opostos, mas sim como parte de um mesmo campo dialético de forças.

Ou seja, a tarefa da arte-educadora popular foi exercer uma forma de intervenção dialética ao aproximar-se dos sistemas lógico-empíricos considerados como apropriados entre os nativos, fazendo uso de ferramentas para obter dados sobre os comportamentos locais observados e agindo sobre eles ao apresentar outras perspectivas levadas pelo olhar do agente externo.

Considerações finais

Nos encontros partimos de uma proposta metodológica que pretendia abarcar as necessidades do espaço onde se insere o projeto de extensão, percebendo que nele havia muitos elementos contingentes diante dos quais teríamos que improvisar para resolver. Essa capacidade de improvisar no espaço foi sendo lapidada no processo, seja sentando em pneus quando não se tinha bancos, até no modo de comunicação "boca-boca" que fazíamos para chamar as mulheres para participarem dos encontros.

Deste modo, os resultados do projeto mostraram que pudemos formar um grupo de mulheres que ganhou autonomia na sua própria mobilização para os encontros que resultou na constituição de uma identidade coletiva, mas não homogênea, no âmbito do "Espaço das Joanas".

Com relação às crianças havia uma variação considerável na participação delas por diversos fatores que fogem da nossa análise no momento. Mas, apesar da oscilação, uma média de 9 crianças estiveram presentes em quase todos os encontros. Além disso, percebemos que aquele espaço era profundamente marcado pela espera e o improviso, por contingência da própria precariedade da vida material. Deste modo, foram explorados esses elementos nas brincadeiras e dinâmicas de expressão corporal, empregando os entulhos presentes no local, transformando-os em recursos didáticos.

Assim, através do emprego de uma metodologia dialógica e adaptada ao

improvisado, marcante naquela realidade social permeada por incertezas e esperas, pudemos estabelecer processos de trocas de saberes entre a dimensão ética eêmica.

Portanto, as reflexões suscitadas durante a abertura do simpósio com Airton Krenak foram importantes para pensar que a tarefa da arte é derrubar as fronteiras e muros. Nesse sentido, a extensão comunitária pode ser um caminho para essa transformação.

Referências:

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JACQUES, Paola. *Estética da Ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. 3º ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MARTINS, José de S. *Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre*. São Paulo: Contexto, 2014.